

## ESPIONAGEM

---

Alfredo Heleno de Oliveira

Tu ouviste o bem-te-vi cantar?

Pois ele bem que te viu

Bem que te vê

Bem que te verá.

Quem te viu

Quem te vê.

Canta tu no seu lugar.

Bem te vi, bem te vi

Não quis

Mas vi.

E vi bem visto.

Tu foste mal visto

Por isso mais aquilo

O pássaro vai cantar

Bem te vi, vi, vi.

## RECOMPENSAS DO EXÍLIO

---

Alfredo Heleno de Oliveira

Nesta terra não tem palmeiras  
Nem Amazonas, nem sabiá.  
Cruzeiro do Sul também não existe  
Ordem e progresso é certo que há.  
Não tem carnaval  
Não tem cachaça  
Não tem “conversa pra boi dormir”  
Não tem “maraca”  
Não tem café  
E não tem números pra iludir.  
Em cismar sozinho eu penso:  
Como lá a noite é longa!  
As aves aqui gorgeliam  
Não são mudas como lá.  
Não permita Deus que eu morra  
Nem que eu volte para lá  
Nem que eu reviva os temores  
Que não encontro por cá.  
Lindas “beldades” aqui não falta  
E quem quiser viver aqui  
Basta querer e pensar depressa  
Que é bom ser livre pra amar e agir.  
Diga que vem  
E não demore  
Que em demorando  
Não acha lugar.  
Venha depressa  
E fale baixinho  
E ao seu vizinho  
Não vá olvidar.  
Quem hoje domina  
Que fique por lá.  
Aqui para eles não há lugar  
Que eles não venham  
Que fiquem  
Com as palmeiras  
E o sabiá.

## SABIAS, SABIÁ?

---

Alfredo Heleno de Oliveira

Que tu não és aquele do Gonçalves Dias  
Bem o sei.  
Mas tu não sabias,  
Pois cantar nas palmeiras da rua Paissandu  
Não é a mesma coisa.  
Muito menos és o sabiá do coronel (aquele do lobisomem)  
Pois tens o canto triste e desafinado  
Que depressa aprendeste com as máquinas do metrô.  
Decerto foi essa poeira  
Que adentrou teu nariz sensível  
E feriu com danos tua voz divina.  
Ainda há um sabiá nas imediações da rua aonde moro  
Que, triste do canto, pude avolumar  
As barras que o prendem.  
Também, querer liberdade,  
Que seja para um sabiá,  
É façanha por demais utópica  
Que só pode brotar de almas superiores.  
Entre 11 horas e meio-dia  
E antes de 7horas  
E aos domingos e feriados  
Ouço teu canto-melancolia,  
Sinto tuas penas de sabiá,  
Sinto tuas penas, oh! Sabiá.  
Sabiá-laranjeira, Turdus rufiventris,  
Peito de sangue, alma de chumbo,  
Voz de vento brincando no jardim.  
Ave-poesia de minha infância  
Ave-hino de Gonçalves Dias  
Ave a tiracolo de Ponciano Azeredo Furtado.  
Meu caro Gonçalves, não foi preciso exílio  
Para eu chorar de saudades do meu sabiá.  
Não estou em Coimbra  
Nem o Atlântico me separa das palmeiras  
Onde cantavam sabiás.  
Estou exilado aqui mesmo, numa rua do Rio de Janeiro,  
Isolado e perdido num labirinto de tapumes  
Com um oceano de barulho poeira lama  
Entre mim e o sabiá.  
Rezo todos os dias para que o metrô passe logo  
E para que sobreviva pelo menos uma palmeira  
Na rua Paissandu do meu sabiá.